

Economia - Brasil

O besouro brasileiro e a bola de estrume da inflação

Azambuja Leal

Recordo, de fonte lusitana, uma definição de peneira dada como uma quantidade de buracinhos amarrados com arame e invoco a definição da matéria, dada pela física, como uma nuvem de poeira imponderável que, entretanto, se fosse possível compactar, adquiriria uma densidade e peso insuspeitáveis. Essas duas figuras nos ocorreram como imagens para esclarecer a perplexidade em que vivemos com relação ao dinheiro que ganhamos, e que vaza do nosso bolso como água guardada em peneira; e, por outro lado, para conseguir ponderá-lo quando chega às nossas mãos. São dezenas de milhares de cruzados, tão volumosos como as ilusórias nuvens de algodão-doce que mágicos ambulantes nos serviam quando éramos crianças. Quando as metemos na boca (no bolso, neste caso), elas se escoam como ratos que desaparecem por frestas invisíveis. Não sobra nada, só níqueis, cujo valor em metal é maior que seu valor monetário. Que é isso? Mandei minha mulher fazer uma vistoria geral em minhas calças: não há nenhum bolso furado. E então?

Então é que os putilhões nebulosos de cruzados que os mágicos nos servem já são capados na fonte pelos leões que estão em toda parte. O aparente ISS de 5% e mais um 3% de IR retido são, brutos, 8%. Ilusão! Um bruto de 8% deve corresponder a uns 24% do líquido. E eis que os leões jamais campelam sozinhos. Hienas e chacais acompanham suas pegadas ao nível do solo, e das alturas nos assaltam abutres e urubus. Toda uma fauna de dinheirófagos quer manter o equilíbrio ecológico de uma economia povoada de incentivos, subsídios, déficits, marajás e virabostas todos viciados na URP e assentados nos princípios da isonomia e dos direitos adquiridos; não é mole não. E que masoquista já surgiu na política para praticar austeridade em vésperas de eleição? E de onde arranjar grana para financiar os investimentos de propaganda e marketing para encher as insaciáveis bocas-de-urna?

Então é assim que, logo depois que os rendimentos capados na cabeça entram no bolso, começam a se evaporar dele pelos mil-e-um drenos dos PIS-PASEP, Fun-disso, Fun-daquilo, Fund-outro. Alguém já disse que há no País 50 diferentes formas de impostos e contribuições, diretos e indiretos, "voluntários" e compulsórios. Sem nada se falar do imposto inflacionário gerado pelas guitarras do governo, que tomam de 20% pra cima do ectoplasma monetário que embolsamos como o dinheiro nosso de cada dia. Daí que quando a gente apalpa os cruzados embolsados ... ué! qu'adeles?

O que se passa é que sempre que a gente pensar estar comprando ou pagando qualquer coisa, na realidade está comprando e pagando uma poeira invisível de governo que caruncha tudo por todos os lados. Há mais governo do que tabaco num maço de cigarros. Nas alfaces-repolhudas se esconde o ICM. Talvez metade de um automóvel está composta de um mecanismo burocrático invisível, que custa mais do que o motor e a carroceria. E quando a gente manda um bombista encher o tanque, o menos é a água que

vem misturada ao álcool e a gasolina — o mais é o vapor do governo que estufa o tanque e esvazia o bolso. Não creio que haja um entre cada milhão de brasileiros que tenha uma consciência clara e sempre presente de que, cada vez que tira o dinheiro do bolso para fazer qualquer coisa com ele, o Estado lhe cobra no mínimo 1/3 daquilo que está gastando. O leão, afinal, é uma figura concreta, visível, identificável, da qual cada um foge como pode. Mas quem pode fugir dos vermes, micróbios e vírus dinheirófagos que se embutem no preço de tudo e ninguém vê?

Um terço? Trinta por cento? Suspeito que na cesta básica de cada brasileiro o "custo de governo" é o que mais pesa. Entretanto, a despeito da pleitora de economistas, fiscalistas, defensores do povo e tantos outros criadores de planos, combatentes da inflação, redentores do povo e salvadores da pátria, jamais encontramos nenhum que soubesse dizer qual é o custo do governo para cada brasileiro. Não me consta que os fabricantes de índices de custo de vida jamais tenham pesado o peso do governo na cesta básica da população, ainda que não possa haver dúvida de que sozinho ele pesa mais do que a habitação, a alimentação, o vestuário ou qualquer outro item do orçamento do consumidor. Com uma agravante: quem paga aluguel, habita; quem compra comida, come; quem adquire uma roupa, veste-a. Porém, o que se compra com o que se gasta com governo? A propaganda que ele gasta com a mídia; os desfalques dos ladrões públicos; os déficits da dívida interna, do inchaço administrativo, dos rombos das estatais — assim como os trens-da-alegria, as norte-suls da vida, as revoadas turísticas para o Exterior, a champagne dos marajás e até as flores de presentes nupciais e as calcinhas de renda de amantes dos políticos.

Amigo meu, seriíssimo, há meses se acha engalfinhado com todos os números das estatísticas brasileiras e com todas as doutrinas econômicas, para conseguir formular um diagnóstico científico da inflação. Não consegue encontrar correlação de coisa alguma com nada. Nem vai achar.

A inflação brasileira não consta dos números, dos livros, das teorias. É, como a peneira portuguesa, uma infinidade de buracos amarrados com barbante; ou, como a matéria dos físicos, uma poeira espalhada por um vácuo infinito. Não há buracos nos bolsos. Não há nada visível, nada palpável, nada que, como um bol, possa ter a cara preta. Mas se fosse possível condensar num macro essa poeira infinita e compactar toda a fauna que compõe O CUSTO DE GOVERNO, esse buraco negro que sorve tudo, e em que nos afundamos imediatamente, se tornaria visível para todos. Se alguém puxar um dia esse total, vai dar de cara com um número matematicamente impossível: a soma das nossas contribuições é maior do que o total das nossas arrecadações! A inflação é isso. É isso que a gente vai empurrando de barriga para a frente, como pode. Ou seria mais própria a imagem do besouro que rola bolas de estrume?

Azambuja Leal é jornalista